

# **O ATO DE LER E CONTAR HISTÓRIAS PARA CRIANÇAS: O PROFESSOR TRABALHANDO NA FORMAÇÃO DO LEITOR NA ESCOLA**

Autor: Andréia Porto da Silva  
Orientadora: Dr<sup>a</sup>. Rosemeire M. S. Nogueira

## **Resumo:**

Este artigo tem como objetivo refletir sobre ato de ler e contar histórias para crianças, analisando o papel do professor na formação do leitor na escola. O artigo foi escrito a partir da realização de uma pesquisa composta por estudo bibliográfico e pesquisa de campo. A pesquisa de campo é composta da aplicação de um questionário para uma contadora de histórias que trabalha em uma Universidade em Dourados e duas professoras da disciplina de Língua Portuguesa de uma escola Estadual de Fátima do Sul, esse questionário foi complementado com uma entrevista com uma das professoras. No desenvolvimento do artigo mostramos as leituras realizadas e as experiências das professoras e da contadora de histórias. Nas Considerações Finais mostrou-se que o professor pode atuar na formação do leitor na escola, sendo um contador e um leitor de histórias para as crianças que utiliza do encantamento possibilitado pelas histórias presentes em livros, nas histórias populares e até na vida das pessoas.

**Palavras-chaves:** Formação do leitor; Professor; Escola.

## **Abstract**

This paper aims to reflect on the act of reading and storytelling for children, analyzing the teacher's role in shaping the reader at school. The article was written from the completion of a study made from bibliographic and field research. The field research consists of a questionnaire applied to a storyteller, who works at an University in Dourados, and to two teachers of Portuguese Language of a Estadual school from Fatima do Sul; this questionnaire was complemented with an interview with one of the teachers. In developing the paper we show the readings taken and the experiences of the teachers and the storyteller. In Final Considerations we show that the teacher can participate in the shaping of the reader in school by being a reader and a storyteller for children, using an enchantment made possible by the stories found in books, in popular tales and even in people's lives.

**Keywords:** Form the Reader, teacher, school

## **Introdução**

O presente artigo trata das ações de ler e contar histórias para crianças na escola, nos primeiros anos do Ensino Fundamental. Nesse sentido, foi definido como objetivo refletir sobre ato de ler e contar histórias para crianças, analisando o papel do professor na formação do leitor.

O interesse pelo tema origina-se em nossa atuação com professora em uma escola Estadual, da cidade de Fátima do Sul, nessa escola temos nos preocupado com a

formação do leitor em sala de aula e também temos observado o trabalho de outros professores, verificando o compromisso com a leitura das crianças.

Para alcançar o objetivo proposto o artigo apresenta uma reflexão que está dividida em quatro partes expressas nos seguintes títulos e subtítulos:

- . Ler, contar e ouvir histórias;
- . O professor como formador do leitor;
- . Estratégias do professor;
- . O professor e o contador de histórias;

O artigo foi escrito a partir da realização de uma pesquisa composta por estudo bibliográfico e pesquisa de campo. Esse estudo auxiliou a compreensão da temática a partir das obras de autores como Abramovich, (1989), Bettelheim (1980) Azevedo (2004), Cavalcanti, (2002), Ferreira (1910- 1989), Lajolo (1989), Lajolo e Zilberman (1998), Matos (2005), Sisto (2005)

A pesquisa de campo foi a partir da aplicação de um questionário para uma contadora de histórias que trabalha em uma Universidade em Dourados e duas professoras da escola Estadual onde nós atuamos como professora. Nessa escola pedimos que duas professoras da disciplina de Língua Portuguesa respondesse a um questionário e também fizemos uma entrevista com uma delas, pois o questionário ficou muito sucinto e com a entrevista pudemos pedir para essa profissional detalhar alguns aspectos. Foram entrevistada e utilizada nesse artigo apenas as experiências apresentadas por uma professora, porque esta se aproxima mais do professor leitor/contador de histórias que nos auxilia a pensar sobre a formação do leitor na escola.

A contadora de história que respondeu ao questionário é formada em Letras, essa profissional trabalha em uma Universidade como técnica e tem atuado em projetos de extensão como contadora de histórias.

## **1 Ler, contar e ouvir histórias.**

Ao buscar o significado do termo ler no dicionário Aurélio, foi encontrada a palavra leitura com o seguinte significado:

Ato, arte ou hábito de ler; aquilo que se lê; operação de percorrer, em um meio físico, sequências de marcas codificadas que representam

informações registradas e convertê-las á forma anterior (como imagens, sons, dados para processamento) (FERREIRA, 1989, p.422).

Ler no significado dicionarizado é decodificar sequencias codificadas, como escrita, imagens e sons. No caso de textos escritos no código alfabético requer o conhecimento do código para que possa ocorrer a decodificação.

Porém para o sentido além do dicionário, os estudos sobre a leitura presentes em Abramovich, (1989), Bettelheim (1980), Lajolo (1989), Lajolo e Zilberman (1998), e Sisto (2005) associam a leitura a outras áreas do conhecimento, dependendo de recortes e diversos ângulos de análise possíveis dentro da temática da leitura. Assim, a leitura não é somente o texto escrito, mas também as imagens e toda sua representação que possa ser transmitida a um receptor, inclui a interpretação nascida a partir das vivências do leitor.

Ao buscar o sentido da palavra *ler*, encontra-se no grego como sendo *legei-* temos *colher, recolher, juntar*, que no latim transformou-se em *lego, legis, legere* – juntar horizontalmente as coisas com o olhar. Entretanto, os latinos também usavam *interpretare* para *ler*, mas com um significado mais profundo, o de ler verticalmente, sair de um plano para outro, de forma transcendente.

Assim estudiosos sobre a leitura de textos escritos com o código alfabético, como Cagliari (1989), afirmam ler é compreender, interpretar. É uma ação que pode tornar-se um hábito, um costume, que pertence ao mundo da cultura, por isso é um ato social e histórico, pois em cada época diferentes livros, instrumentos (como pena, lápis, caneta, papel, imprensa, computador) e momentos da história imprimem diferenças no ato de ler.

De forma que hoje podemos desenvolver o hábito de leitura desde a infância com os instrumentos que temos na atualidade, focalizando temáticas atuais ou de outros tempos, com isso lendo desde a infância amplia-se a possibilidade que alguém se torne uma pessoa que inclui em seu cotidiano o ler livros.

Nesse conceito, a leitura vai além de passar de olhos pela escrita e decifrar, vai além do visualizar uma imagem, aventurando-se no desconhecido para uma plena compreensão do sentido das coisas. Pode tornar-se um hábito de querer compreender os códigos, as imagens e a própria realidade em que vive.

A leitura pode acontecer por meio dos sentidos, da visão, do tato (no caso da leitura em braile) e da audição, no caso do ouvir histórias. As crianças que ainda não são alfabetizadas, por exemplo, fazem suas leituras através da audição dos textos das histórias.

Abramovich escreve:

O primeiro contato da criança com um texto é feito oralmente, através da voz da mãe, do pai ou dos avós, contando contos de fada, trechos da bíblia, histórias inventadas (tendo a criança ou os pais como personagens), livros atuais e curtinhos, poemas sonoros e outros mais... [...] (ABRAMOVICH, 1989, p.16)

A leitura em voz alta feita por um adulto é bastante utilizada na escola, os professores de Educação Infantil e dos Primeiros Anos do Ensino Fundamental recorrem a esse procedimento. A leitura pode ser feita com os ouvidos de uma pessoa e com os olhos de outra. Sobre isso Abramovich diz:

O ouvir histórias pode estimular o desenhar, o musicar, o sair, o ficar, o pensar, o teatrar, o imaginar, o brincar, o ver o livro, o escrever, o querer ouvir de novo (a mesma história ou outra). Afinal, tudo pode nascer dum texto! (Sic. ABRAMOVICH, 1989, p.23)

Um livro, além das letras, possui escritas, cores e imagens que influenciam o leitor, tornam se uma rede de significados vividos por quem lê. A leitura de imagem é um texto importante na formação de uma criança leitora. A imagem desperta interesse, curiosidades, criatividade e dá condições de ler uma história sem texto.

Assim, ler com os ouvidos é ouvir a leitura; ler com os olhos é outra forma de ler. Para Marisa Lajolo:

Ler não é decifrar, como num jogo de adivinhações, o sentido de um texto. É, a partir do texto, ser capaz de atribuir-lhe significado, conseguir relacioná-lo a todos os outros textos significativos para cada um, reconhecer nele o tipo de leitura que seu autor pretendia e, dono da própria vontade, entregar-se a esta leitura, ou rebelar-se contra ela, propondo outra não prevista. (LAJOLO, 1993, P.59)

Sabe-se que a leitura e a escrita são importantes na vida de uma pessoa e para despertar o prazer de ler vários textos é preciso que o professor exerça um papel de formação de leitores na educação das crianças, ou seja, ler histórias de uma forma diferente, prazerosa é um desses meios de encantar as crianças.

Paulo Freire (1989) relembra seus momentos de leitura:

Ao ir escrevendo este texto, ia “tomando distância” dos diferentes momentos em que o ato de ler se veio dando na minha experiência existencial. Primeiro, a “leitura do mundo, do pequeno mundo em que me movia; depois, a leitura da palavra que nem sempre, ao longo da minha escolarização, foi a leitura da “palavramundo”. (FREIRE, 1989,P.9)

O autor relembra suas leituras e faz a crítica, pois na escola nem sempre faz a leitura de mundo, uma vez que nesse espaço a leitura pode distanciar-se da compreensão sobre a realidade vivida.

Entende-se que desde a criança pequena na Educação Infantil e nos primeiros anos do Ensino Fundamental a leitura de mundo já pode estar presente, as interpretações da criança sobre o que está ao redor pode ser ilustrada e ampliada com a leitura de livros e imagens, discussões, escritas de textos da própria criança. As falas, os desenhos, as brincadeiras também fazem parte do contexto que amplia a condição de compreender o mundo.

Nesse trabalho de formar o leitor, o ato de contar histórias, de ler e de analisar podem ser recursos que auxiliam na compreensão de textos. As formas de analisar histórias podem ser por meio dos livros, das imagens dos filmes, do teatro, das histórias de vida e da música que ocorrem no ouvir, no olhar ou no sentir.

O hábito de contar histórias com o apoio ou sem o apoio do livro acontece desde muito tempo, quando as pessoas reuniam-se em rodas e contavam suas histórias, passando conhecimentos, costumes e crenças de geração em geração.

Este conceito é o mais adequado ao conceito aqui desenvolvido, pois o termo contar história, segundo o autor Sisto pode ser:

Contar histórias é um meio de comunicação ancestral. Isso nos obriga a pensar em Platão, que na sua “República” já se referia à importância de contar contos – primeiro os contos depois a ginástica – para a educação ética das crianças gregas, sem, contudo, negar a função de entretenimento que esses mesmos contos podiam proporcionar. (SISTO, 2005, p. 28).

Assim o processo de contar histórias está inteiramente ligado à cultura, aproximando-se da leitura, da escrita e do mundo diverso de cada um.

Hoje a ampliação de conhecimentos com as crianças na escola também pode acontecer, mas é necessário que haja uma relação de encantamento das histórias contadas por seus professores. Sobre isso Sisto diz:

Quem conta tem que estar disposto a criar uma cumplicidade entre história e ouvinte, oferecendo espaços para o ouvinte se envolver e

recriar. Esses espaços de locomoção do ouvinte dentro de uma história podem ser construídos pelas pausas, silêncios, ações, gestos e expressões, de forma harmônica. O contador de histórias não pode ser nunca um repetidor mecânico do texto que ele escolheu contar. (SISTO, 2005, p.22)

Em outras palavras, o contador de histórias tem que ser um artista que utiliza recursos como o palco, gestos, máscaras, músicas e a comunicação com os ouvintes para encantar. Sendo que o ouvir histórias é parte da mesma tarefa, pois o contador e o ouvinte dependem um do outro, a criança, por exemplo, constrói uma relação com o contador. Observe o que escreve Abromovich:

É ouvindo histórias que se pode sentir (também) emoções importantes, como a tristeza, a raiva, a irritação, o bem-estar, o medo, a alegria, o pavor, a insegurança, a tranquilidade, e tantas outras mais, e viver profundamente tudo o que as narrativas provocam em quem as ouve – com toda a amplitude, significância e verdade que cada uma delas fez (ou não) brotar... Pois é ouvir, sentir e enxergar com os olhos do imaginário! (ABROMOVICH, 1989, p.17).

É a partir das histórias contadas pelos professores ou contadores que o aluno vai descobrindo suas emoções até formar sua autonomia. É através das histórias que de certa forma cria-se leitores. Quando o aluno lê bastante, ele consegue escrever bem e pensar com clareza. Assim, contar histórias para crianças, não deixa de ser uma atividade de leitura, uma vez que estabelece também um espaço de intimidade entre o ouvinte, o texto e o mundo exterior.

O ato de contar história deixa marcas importantíssimas em seus ouvintes. É o que escreve Sisto:

Uma história bem contada deixa marcas profundas em seus ouvintes. A história não termina de se expandir quando a sua narração se encerra. Ela fica lá, volteando pelos meandros do ser humano, fazendo contato com outras histórias pessoais, revelando coisas adormecidas, levantando outras experiências similares, até se depositar no fundo e se misturar com tantas outras que já ocupam um espaço no interior de cada um. [...] (SISTO, 2005 p.71)

Isso significa que contar histórias para criança é uma responsabilidade, pois a história contada pode deixar marcas que levará essa criança a compreender o mundo de forma diferente. O ouvinte é participante da história, mistura suas vivências com a histórias ouvidas, faz comparações, relações e com isso busca compreender sua própria realidade.

Diante do exposto podemos dizer que o ato de ler e contar histórias não deve ser uma atividade de segundo plano na sala de aula, ou na vida das pessoas, por isso é importante que a leitura não seja transformada em uma atividade distante, porém que possibilite prazer.

## **1.2 O professor como formador do leitor**

Leitor é a pessoa que sabe ler e tem o hábito de ler, pois passou por um processo de formação. A formação do leitor se dá no ambiente escolar, através do ouvir e ler histórias com os professores e colegas, ou com a família e amigos antes mesmo de conhecer o ambiente escolar, quando os pais ou responsáveis lêem e contam histórias para as crianças. A família é importante na formação do leitor, tanto quando lê em voz alta ou como quando estimula a criança a ir para a escola, a fazer suas tarefas e ler os textos que o professor pediu. Joana Cavalcante diz:

A importância da família na formação do leitor é imensa, visto que os primeiros anos da infância são marcados pelas relações desenvolvidas entre os pequenos e os grandes, pertencentes ao mesmo grupo de parentesco. É na família que se vai adquirir os primeiros hábitos, os valores e os gostos. [...] (CAVALCANTE, 2002, p.67)

Nesse núcleo familiar existem os primeiros contadores de histórias para as crianças, muitas vezes estes não sabem a importância dessas histórias na infância.

As leituras feitas pelo os pais, avós ou professores desde a Educação Infantil são anteriores e contribuem com a formação. O contar histórias é uma mediação entre a criança e o hábito de ler, para que essa mediação aconteça é necessário que o professor possa fazer parte dessa corrente utilizando-se de livros, histórias memorizadas, poesias, letras de músicas e outros. Segundo Abramovich:

Ler, para mim, sempre significou abrir todas as comportas para entender o mundo através dos olhos dos autores e da vivência das personagens... Ler foi sempre maravilha, gostosura, necessidade primeira e básica, prazer insubstituível... E continua, lindamente, sendo exatamente isso! (ABRAMOVICH, 1989, P.14)

Por meio das leituras de histórias a criança pode conseguir construir e desconstruir seu imaginário em busca de uma solução para seu mundo exterior. Nesse sentido, as histórias contribuem com a formação geral da criança, pois auxiliam na aquisição de conceitos e análise de fatos da ficção, que muitas vezes podem ser relacionados à vida

social. É o que escreve Abramovich “[...] ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão do mundo [...]” (ABRAMOVICH, 1989, p.16)

A leitura não pode ser apenas a ação de decifrar, por isso o papel do professor pode também buscar desenvolver o gosto pela leitura. Mas a formação não acontece de imediato, pois é preciso que o educador busque desafios e promova o prazer da leitura. Azevedo afirma:

[...] Para formar um leitor é imprescindível que entre a pessoa que lê o texto se estabeleça uma espécie de comunhão baseada no prazer, na identificação, no interesse e na liberdade de interpretação. É necessário também que haja esforço, este se justifica e se legitima juntamente através dessa comunhão estabelecida. (AZEVEDO, 2004, p.39)

Hoje no mundo contemporâneo, a leitura é uma necessidade, Lajolo e Zilberman explicam:

Na sociedade brasileira atual, a leitura constitui-se uma necessidade para todas as pessoas e um dos requisitos essenciais da cidadania. Entre outros exemplos básicos do cotidiano urbano, os letreiros de ônibus, as placas de ruas, os cartazes de supermercados e os caixas eletrônicos requerem práticas de leitura. [...] (LAJOLO e ZILBERMAN, 1998, p.296)

A vida na sociedade requer o ler e o escrever seja no cotidiano das ruas, ou na necessidade formação para o trabalho. Assim, os livros, o computador, o jornal são veículos que devem fazer parte do dia-a-dia das crianças.

### **1.2.1 Estratégias do professor**

Na sala de aula o professor procura contar histórias para as crianças para que a mesma tenha contato com o texto escrito por meio da leitura em voz alta. A leitura na escola precisa fazer sentido ao estudante, isto é, deve responder aos objetivos de realização imediata. É difícil uma criança entender que a leitura e a escrita é importante na vida social, mas é fácil ela compreender que é uma agradável brincadeira que acontece com livros coloridos, histórias interessantes que podem representadas por meio de teatrinho (ou dramatização), que podem ser desenhadas ou se transformar em um brinquedo. Com isso atingimos o sentido imediato das crianças de zero a dez anos.

O professor que trabalha com a formação de leitores na escola pode recorrer a vários tipos de textos tais como jornais, revistas, gibis, receitas culinárias, letras de músicas, adivinhas, parlendas e outros. Pode também recorrer a outros atrativos como

filmes, cartazes, outdoor, fantoches, brinquedos, e aventais e tudo que se pode ler no mundo.

Os fantoches são bonecos que se podem imprimir movimentos, são usados em teatros e podem se transformar em personagens de histórias. Já os aventais são colocados no corpo do contador e tem textura aderente, assim, o professor vai aderindo figuras que são ilustrações da história que está contando.

Os contos de fadas como Branca de Neve e os Sete Anões, Cinderela, A Bela adormecida e outros podem ser explorados na sala de aula e são estimulantes para as crianças como mostra Bettelheim:

[...] os contos de fadas têm um valor inigualável, enquanto oferecem novas dimensões á imaginação da criança que ela não poderia descobrir verdadeiramente por si só. Ainda mais importante: a forma e estrutura dos contos de fadas sugerem imagens á criança com as quais ela pode estruturar seus devaneios e com eles dar melhor direção á sua vida. (BETTELHEIM, 1903, p. 16)

Mas, além desses contos, o professor pode trabalhar com as histórias dos livros da literatura infantil, com as histórias fantásticas, com as histórias populares e histórias de vida. Entre as histórias fantásticas destacam-se, As Histórias das Mil e Uma Noites, com Aladim e os Quarenta Ladrões.

As histórias populares são as histórias contadas de geração em geração, ou seja, de pai para filho. A forma mais contada dessas historia são através da narração oral. Nas histórias da vida podem ser trabalhadas na escola as histórias das próprias crianças. É possível que elas contem oralmente e o professor ou elas mesmas escrevem, transformando em texto. Por sua vez esses textos podem ser transformados em pequenos livros, solicitando que cada criança ilustre a sua história e depois pode ser lida na sala de aula.

Nesse sentido, o professor atua como mediador na constituição do leitor, sendo que nos anos iniciais do ensino fundamental o aluno se inspira em alguém e isso pode facilitar a construção de um aluno leitor.

Formar um leitor não é tarefa fácil, exige muito de um educador. É um trabalho que precisa de estratégias para estimular o ato da leitura. Entretanto, a formação do leitor associa-se a outros fatores também. Zilberman pontua:

Pensar a questão da formação do leitor não significa, portanto, constatar tão somente numa crise de leitura; o tema envolve, antes de mais nada, uma tomada de posição relativamente ao significado do ato de ler, já que se associa a ele um elenco de contradições, originário, de um lado, da organização específica da sociedade brasileira, de outro,

do conjunto da sociedade burguesa capitalista.[...] (ZILBERMAN, 1988, p. 20).

A autora mostra que na sociedade atual ao mesmo tempo em que há uma necessidade da existência de pessoas que lêem para o bem da acumulação de lucros, há também muitos fatores que não estimulam as crianças e jovens a se interessarem por ler livros e a fazerem uma leitura crítica desses livros e mesmo da própria sociedade. Há uma quantidade de filmes, jogos de violência, novelas que tiram a atenção das crianças, levando-as para longe dos livros e de outros veículos que podem despertar o pensamento crítico.

O professor atua em um campo difícil, pois precisa dar uma formação que muitas vezes vai contra os estímulos presentes na sociedade. Como formador do leitor é uma peça fundamental na vida de uma criança. Assim, não importa o lugar, o espaço onde as ideias são trocadas, é importante que a pessoa que está lendo sinta prazer com o texto. Sobre isso Azevedo contextualiza:

A necessidade de a criança e também o adulto, seja em casa, na escola, seja na vida, aprenderem a diferenciar os vários tipos de textos e assim, ao passar a utilizá-los em benefício próprio, formarem-se como leitores. (AZEVEDO, 2004, p.45).

Entre os gêneros de textos que se pode trabalhar destacam-se os contos de fadas, as fábulas, lendas, contos fantásticos, relatos de experiências, relatos de viagens, cartas, histórias de vida, discurso, receitas, manual de uso etc.

A formação de leitores requer bons professores que se preocupem com a elaboração do projeto pedagógico, com o trabalho em equipe, para que seja possível uma ação pedagógica interdisciplinar, onde todos os professores das diversas disciplinas (Português, Matemática, História, Geografia, Educação Física, Artes, Biologia) se preocupem com a competência na leitura e na escrita. A autora Zilberman diz:

[...] A escola precisa investir na competência da leitura porque é o lugar principal onde se aprende a ler e escrever. A prática de leitura deve ser prioridade no projeto pedagógico escolar e merecer destaque em todas as disciplinas que compõem o currículo. A leitura é uma atividade cognitiva de alto grau de complexidade social.[...] (ZILBERMAN, 1998, P. 296).

No caso do professor dos primeiros anos do Ensino Fundamental, ele pode se colocar como formador do leitor trabalhar com vários conteúdos e também recuperar o contar e ler histórias na sala de aula. O professor pode criar estratégias para auxiliar

cada leitor a descobrir e criar uma técnica própria para aprimorar seu desempenho, pois o aluno também pode ser um leitor e contador de histórias.

### **1.2.2 O professor e o contador de histórias**

Como foi dito na introdução, durante o desenvolvimento dos estudos foi aplicado questionários há duas professoras e a uma contadora de histórias, sendo que uma das duas professoras concedeu também uma entrevista. A professora que concedeu a entrevista trabalha com leitura e contação de histórias de uma forma diferenciada dos outros professores. Serão apresentadas algumas partes do questionário e da entrevista com essas profissionais.

No mundo do trabalho na atualidade existe o profissional contador de histórias que é um tipo de artista, este utiliza de cenários, gestos, vozes para atrair o público. Este profissional quer divertir, quer auxiliar a pessoa a refletir sobre a realidade e também quer contribuir com a formação do leitor. Atuam em teatros, em praças, escolas e outros espaços.

Segundo Matos:

O segredo do contador está na perfeita assimilação daquilo que pretende contar. Assimilação, aqui, no sentido de apropriação. Apropriar-se de uma história é processá-la no interior de si mesmo; é deixar-se impregnar de tal forma por ela que todos os sentidos possam ser aguçados e todo o corpo possa naturalmente comunicá-la pelos gestos, expressões faciais e corporais, entonação de voz, ritmo etc.(MATOS, 2005, P. 28).

A contadora de história que respondeu ao questionário de nossa pesquisa é formada em Letras e mestre em educação, esta afirma:

Primeiramente, o ato de narrar é se doar à história. O importante é a trama, o contador precisar dar vida aos personagens, às ações, as paisagens e ambientes. Se a sua história, ou algum pedacinho dessa história virou reconto do ouvinte pode ter certeza, que o contador cumpriu a sua missão. Dar vida às histórias. (contadora de histórias)

No caso do professor, este tem uma função diferenciada, pois atua na escola, tem metas a atingir na educação da criança. Desenvolve o trabalho durante um ano letivo, com uma turma (ou mais) de alunos, mas são, durante o ano, os mesmos alunos. Isto pode tornar o trabalho repetitivo e cansativo (para o aluno e para o professor). Mas pode

tornar-se também uma equipe que atua junto, pode criar um vínculo afetivo. A professora entrevistada afirma:

Em primeiro lugar amo meu trabalho, ser professora e agora coordenadora da Escola foi a melhor coisa que poderia ter me acontecido nos muitos anos de trabalho. Trabalhei vários anos, sendo que cinco anos com os primeiros anos do Ensino Fundamental. O que foi de grande incentivo trabalhar com aqueles pequenos foi o carinho, e a sinceridade de tudo que faziam na sala de aula. Sou formada em letras, tenho mais de vinte anos de profissão. Como coordenadora, dois anos. Tenho magistério que foi o que facilitou o acesso aos primeiros anos.

Eu planejo minhas aulas com muito cuidado. As aulas de leitura fazem parte de uma rotina cotidiana em sala, em que todos param durante quinze minutos, variando os procedimentos para alcançar o objetivo maior que é estabelecer relações entre o livro e o leitor para construção de uma comunidade de leitores na escola. (Professora entrevistada)

A professora fala de seu amor pela profissão, de sua experiência e de sua preocupação em construir o que ela chama de comunidade de leitores.

Compreende-se que professor e alunos podem se tornar uma equipe com laços de afetividade e compromisso, a ação pedagógica precisa mostrar e comprovar que ler é bom e necessário para a vida. Por isso o professor pode adquirir algumas características do contador histórias, com os modos, os gestos e o interesse de encantar. As crianças podem ajudar na montagem de cenários, na produção de estandartes, folhetos, panfletos que ajudem a contar a história. No fim as próprias crianças também podem ser os contadores.

Por sua vez a contadora de histórias mostra que o mais importante é o envolvimento do contador de histórias é a pesquisa que ela faz para conhecer as histórias, “os recursos imprescindíveis são entrega à história, ou seja, pesquisa, postura, entonação e generosidade com o seu ouvinte, ele também tem voz no ato da narração”.

O professor contador pode fazer a leitura expressiva e estimular na criança o encantamento pela história e assim despertar o gosto pela leitura.

Vale dizer que há uma diferença entre ler e contar uma história e que na escola as duas ações devem acontecer. Ler com entonação de voz, ensaiar com as crianças para que ocorra uma leitura significativa, com a utilização de jograis em que cada criança assume um papel com personagens e narrador. Segundo Bajard, (1994) a leitura em voz alta pode tornar-se quase um teatro.

O ler convencional pelo professor com entonação de voz, respeito aos parágrafos e ritmo também é necessário. Sendo a leitura de um texto de história da literatura, de histórias fantásticas ou contos de fadas, pode se ler um pouco por dia, pois esse tipo de leitura pode ser longo. E lendo aos poucos em um momento de calma na sala de aula, torna-se agradável e desperta a curiosidade, sendo que ao final da leitura do professor pode estimular a fala das crianças, análise e pensar o que vai acontecer na continuação.

A professora entrevistada vai à biblioteca e reserva um tempo para que as crianças do quinto ano escolham os livros.

As crianças têm múltiplas oportunidades de explorar novos livros, escolher suas leituras, apreciar os efeitos que cada um traz. Recomenda-se leituras e também recebo [das crianças] recomendações a fim de seguir aquelas que parecem mais interessantes, desenvolvendo ao longo do processo, o gosto e as preferências.

[No desenvolvimento do trabalho] há várias maneiras, desde organização de rodas de leitura, contação de histórias e conversas. Quando estamos lendo usamos uma linguagem diferente da falada, o que introduz elementos que serão formalizados, durante a vida do estudante. Uso também fantoches e histórias gravadas. (Professora entrevistada)

A professora faz tanto a leitura do texto como o contar as histórias, planeja o momento da escolha dos livros, organiza as rodas de histórias e conversas, nesse momento utiliza livros, fantoches e histórias gravadas em CD Run. Percebe-se que ela tem a intenção de convencer as crianças que a leitura é boa, é necessária e divertida.

A leitura convencional coloca a criança em contato com a linguagem escrita que é diferente da oralidade e diferente do contar a história. Com isso ela pode ter a experiência do texto escrito, conhecer suas características, o estilo do escritor e até tentar escrever com características semelhantes.

A professora entrevistada lê com as crianças, sua lista de preferências ela destaca, dizendo “Bom, cito uma lista de autores no qual trabalho, como irmãos Grimm, Ana Maria Machado, Monteiro Lobato, Cristina Porto, Clarice Lispector, Luiz Fernando Veríssimo, Fernando Sabino, José Paulo Paes, Manuel Bandeira, Lygia Bojunga, etc”. Ela afirma que depende também do interesse das crianças dos últimos anos do Ensino Fundamenta que está trabalhado agora.

Veja agora o contador de histórias que é diferente do leitor, ele se diferencia com seu ritual mágico de encantamentos e sedução. É importante que o contador adeque a história ao público. Para Celso Sisto (2005, P.47) a adequação o contador não deve

“esquecer que uma história para ser contada precisa estar adequada ao público, ao espaço onde vai ser contada e ter uma linguagem acessível e que não descaracterize o estilo do texto”.

Mediante nossos estudos entendemos que sejam em histórias lidas ou contadas as crianças podem estar estimuladas e desenvolver o interesse pelos livros. Sobre isso Abramovich escreve:

O ouvir histórias pode estimular o desenhar, o musicar, o sair, o ficar, o pensar, o retratar, o imaginar, o brincar, o ver o livro, o escrever, o querer ouvir de novo (a mesma história ou outra). Afinal, tudo pode nascer dum texto! No princípio não era o verbo? Então... (ABRAMOVICH, 1989, p.23).

Tanto no ler como no contar a história, professores e crianças podem ir além do texto, pois o livro possui a capa, as imagens, as cores possibilitam as interpretações pessoais e as análises. E depois do ler ou contar pode-se brincar, desenhar, conversar, pintar um quadro ou construir um brinquedo.

Os recursos para se contar uma história são vários. Entre eles a contadora de histórias reafirma que estudar os textos das histórias, conhecer as crianças e utilizar de sua expressão corporal é os mais importantes. Com isso se pode atingir a sensibilidade das crianças.

Isso pode se refletir sobre a leitura de livros de literatura na vida de uma criança, estes são aspectos que podem contribuir. Só pela ludicidade se pode falar do fomento da imaginação, do desenvolvimento da inteligência emocional e da interação social com outros mundos possíveis, outros personagens. E também proporcionar resoluções de dúvidas que a criança passa a inteirar e configurar em sua realidade pessoal e em seu entorno, como na família e na sociedade em que está inserida. (resposta da contadora de histórias)

Do ponto de vista da contadora o papel do professor ao contar histórias é deixar fluir a emoção da história. Todo professor pode ser um narrador, é preciso deixar florescer esse narrador/contador para o leitor/ouvinte possa sentir a sua própria voz no enredo da trama narrada.

A professora entrevista fala dos momentos em assume o papel de contadora:

Eu conto histórias além de ler. Muito importante. A contação de histórias da cabeça [memorizada] ou tradicional quando contada com entusiasmo, trazendo os tons de voz, dando veracidade aos personagens leva a criança a uma viagem e estimula esta a observar mais e a participar ativamente.

[Nesse momento] a relação das crianças é diferente, sim, quando eu conto a história. Eles participam mais, fazem caras e bocas, os olhos brilham. Há empolgação, euforia.

Seria muita prepotência dizer que sou uma contadora (risos), mais me vejo como alguém que incentiva a leitura. (Professora Entrevistada)

Pelo que observou-se e pelo modo de falar sobre o assunto, esta profissional é uma professora contadora de histórias, pois a busca de conquistar as crianças, de encantar. Além disso, a própria professora gosta de ler e de contar histórias, se envolve com estas ações. A mesma afirma:

Acredito que existe uma relação de suma importância entre o contador ou leitor de uma história. Pois penso que quem conta ou lê dependendo do entusiasmo com quem o faz leva o outro a despertar o interesse.

A contação de história é um instrumento de grande valia, pois ao ouvir uma história a criança elabora um rompimento de algumas coisas estabelecidas, diminuindo o nível de medo, insegurança, por isso há necessidade de utilizar livros, outras vezes criar histórias para supostas soluções de obstáculos existentes na vida deles. (Professora entrevistada)

Esta professora mostra que é possível ser um professor contador de histórias e com isso contribuir de forma mais efetiva na formação do leitor na escola.

### **Considerações finais**

A pesquisa realizada e que gerou este artigo buscou investigar a formação de leitores na escola. O professor é entendido como formador do leitor que utiliza a estratégia de ler e contar histórias.

Como vimos o professor pode ler diferentes gêneros de textos, porém é importante que o professor leitor e contador de histórias possam transmitir segurança, prazer, na história narrada. O ato da leitura não se efetiva em ações isoladas, lineares, mas sim de uma decorrência de ações, sentimentos, motivações, especulações do leitor, suas críticas e reflexões.

É importante que a história lida ou contada seja motivo de prazer tanto para o leitor quanto para o ouvinte. E que a leitura implica em gestos, espaços e hábitos desde a família até o ambiente escolar.

Na literatura infantil, por exemplo, existem muitas possibilidades de leituras, ou seja, toda história que contar para uma criança mexe com ela, produz alguma reação.

Portanto, é importante fazer um levantamento do público alvo e fazer uma seleção na escolha da história, pois é interessante observar a faixa etária, o sexo e as condições de cada aluno.

Diante do exposto, vale dizer que a literatura infantil brasileira é rica e criativa, podendo ser utilizada de diversas formas. Temos também conto de fadas e as histórias fantásticas que encanta as crianças.

As histórias populares contadas, em narrações orais, de geração em geração, passando de pai para filho. As histórias contadas podem ser as histórias da vida de cada ouvinte. As narrativas podem acontecer em rodas onde cada um contará sua história de vida.

Na contação de história pode-se utilizar a dramatização, brinquedos, músicas e muita criatividade. Outros recursos utilizados pelo professor são livros com imagens, fantoches e aventais. Sendo que o livro infantil é fundamental na formação de uma criança, traz conhecimento de mundo e desperta o desejo pela leitura.

Vale dizer ainda que a criança leitora é capaz de fazer a interpretação, a reflexão e a partir dessa leitura elaborar uma relação do texto lido com o seu próprio mundo. Compreende-se que o contar histórias na vida de uma criança pode sim despertar o gosto pela leitura, portanto, dependerá do professor contador e leitor para assumir este papel.

Finalizo, convidando os professores que ainda não se encantaram com a possibilidade de ampliar as atividades de leitura, a procurarem junto com seus alunos descobrir novos prazeres e conhecimentos, possibilitando a formação do leitor na escola.

## REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil: Gostosuras e Bobices**. Ed. Scipione, 1989.

AZEVEDO, Ricardo. **Formação de leitores e razões para a literatura**. 1º Ed. São Paulo: DCL 2004.

BAJARD, Elie. **Ler e dizer**. São Paulo: Cortez, 1994.

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

CAGLIARI, Luiz Carlos. Alfabetização e Linguística. São Paulo: Scipione, 1989.

CAVALCANTI, Joana. **Caminhos da Literatura Infante – Juvenil**. São Paulo, 2002.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio Século XXI Escolar**. 4° Ed. Revista ampliada. – Rio de Janeiro, 1910- 1989.

FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler em três artigos que se completam. São Paulo: autores associados: Cortez, 1989.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. Ática, 5° edição, São Paulo, 1989.

LAJOLO, Marisa; ZIBERMAN, Regina. A formação da leitura no Brasil. 2. ed. São Paulo: Ática, 1998.

MATOS, Gislayne Avelar. **A palavra do contador de histórias: sua dimensão educativa na contemporaneidade**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

SISTO, Celso. **Textos e Pretextos sobre a Arte de Contar Histórias**. 2° ed. Curitiba: Positivo, 2005.